



20

R. Lucinda Simões, 10, 1º.
Lisboa

Fundada em 1921, Pax Romana não é uma novidade como organização internacional. Tem já atrás de si uma longa história.

Reuniões internacionais ou regionais sobre a vida apostólica, a missão da Universidade, o apostolado intelectual, arte moderna, problemas da empresa, responsabilidade política, energia nuclear, medicina e o direito a Universidade como centro de cultura, - são alguns exemplos duma actividade intensa e fecunda. Essa actividade tem permitido uma frutuosa troca de experiências, um aferir de orientações e de métodos. Não são raras as Federações que, a partir de problemas estudados em reuniões de Pax Romana, têm alargado a sua visão das realidades apostólicas, assegurando-lhes uma orientação especificamente universitária e dando-lhes uma metodologia actualizada.

Mas Pax Romana não tem unicamente uma vida interna, de formação dos seus membros. Enquanto Movimento, tem também uma vida apostólica no plano internacional. Quer dizer cabe-lhe levar às outras organizações integrais com que colabora a verdade cristã, a única que assegura a resolução de todos os problemas a plenitude das suas dimensões humanas. E nesse domínio, não tem sido menos intensa a sua actividade.

Desde as organizações que trabalham no sector universitário como o W U S, que procura criar uma ajuda mútua entre os estudantes de todas as raças, e de todas as ideologias, até aos grandes organismos internacionais (a ONU e as suas agências especializadas), todos têm levado a PR a debruçar-se sobre numerosos problemas universitários, sociais e culturais a estudá-los na perspectiva do pensamento cristão e a contribuir para a sua adequada resolução. Assim PR tem colaborado no estudo de vários problemas postos pela ONU como as medidas desarmamentistas, a condição da mulher, os problemas demográficos, os direitos do homem, as questões sociais. Um vasto campo de acção tem exigido assim ao Movimento uma presença consciente e reflectida.

O exame cuidadoso de todo este passado põe inevitavelmente uma pergunta: como se define hoje PR?

PR é fundamentalmente um encontro humano - o encontro de todos os que em todos os lugares se esforçam por cristianizar a Universidade e, por ela, a vida cultural e as estruturas sociais que dela nascem.

Neste encontro há reconhecimento e há troca. Reconhecimento de valores comuns, de objectivos idênticos, de preocupações e problemas semelhantes. Troca de ideias e sonhos, de experiências e projectos, de êxitos e fracassos.

Um ideal comum provoca o encontro: o desejo de cristianização da Universidade. A Universidade é ainda hoje o centro da vida intelectual da sociedade. Mesmo em países altamente desenvolvidos no ponto de vista técnico e onde a actividade de cada um parece confinar-se a um único sector ultra-especializado a Universidade é responsável pela evolução das ideias na vida social. E é curioso o exemplo dos EUA em que na mais técnica das profissões - a engenharia - se tem feito nos últimos três anos um esforço sério pondo em relevo a verdadeira noção de profissão intelectual - aquela que embora traduzindo-se numa forma especializada de pensamento e acção, se insere nos fundamentos da vida cultural e, por eles, atinge o Homem e a Sociedade. A Universidade, preparando todos os futuros profissionais das profissões intelectuais, tem assim um lugar insubstituível na vida social.

A presença dos cristãos conscientes é já de si um valor religioso na vida universitária. Mas, se bem que esse exemplo seja pedra de base duma presença cristã, a Igreja apostólica pede mais aos universitários católicos. Pede-lhes uma conquista das almas e uma transformação da instituição universitária, de modo a torná-la mais apta à incarnação dos autênticos valores humanos.

Tal acção serve-se essencialmente dos caminhos da inteligência para atingir o homem total e formar nele o cristão adulto, "cuja própria vida intelectual seja uma manifestação de vida cristã". ³²⁹ ~~Aí reside a característica fundamental da nossa acção apostólica. Por isso quando em Milão ou em Nova York, em Manila ou Achimota, um universitário católico, consciente da sua responsabilidade de universitário e da sua missão apostólica, se debruça sobre os problemas dos seus companheiros de estudo e lhes procura a solução conveniente, ou analisa profundamente os problemas sociais e culturais do seu tempo e do seu país, na perspectiva dum catolicismo vivo e profundo, inserido numa competência técnica de primeira qualidade - então esse estudante está já, talvez sem o saber, a viver do ideal de PR. Porque~~

começa aqui

é aí nesse esforço árduo e exigente da inteligência a exercer-se sobre os grandes problemas do homem e da sociedade, nessa angústia positiva e actuante da salvação dos outros, nessa luta serena mas constante pela cristianização da Universidade, é aí que PR enraíza a sua própria vida.

Mas PR não é só esta atitude individual, vivida embora com toda a força duma doação sem reservas à Igreja. PR é também sintonização de esforços feitos em diferentes lugares por diferentes pessoas. Por isso disse ~~que PR é um encontro~~ ^{no Rio ou em S. Paulo}. É a certeza de que não só em Turin ou em Roma mas em todas as cidades universitárias demundo outros estudantes sentem o mesmo apelo duma santidade vivida através da sua vocação de estudantes universitários e obedecem à voz do Santo Padre que lhes pede a consciencialização da sua missão de dirigentes da vida social e lhes traça como dever inelutável a presença no pensamento. Esta certeza duma identidade de objectivos e de vocação impõe-se naturalmente. Porque começa nos grupos naturais e imediatos em que o estudante está inserido. É de encontro com os outros universitários católicos que na mesma Escola e na mesma cidade vivem o mesmo ideal de apostolado universitário que nascem o grupo de Faculdade e o grupo local, células de base dum apostolado universitário organizado.

É de encontro com todos os universitários católicos que num mesmo País procuram criar uma mentalidade verdadeiramente católica e aos problemas nacionais procuram dar a solução cristã, que nasce a consciência dum grupo nacional, dinamizador, coordenador, orientador de todo o apostolado realizado pelos grupos elementares e pelos indivíduos.

É nesse grupo que cada estudante se vincula imediatamente à Igreja, dando-se, pelo grupo, à comunidade universitária. Em troca, o grupo dá-lhe as bases fundamentais da sua formação de apóstolo universitário. até aqui

Mas não se restringe ao grupo nacional o encontro conquanto depois ele apareça como menos imediatamente natural. Também para além das fronteiras de nosso País, outros estudantes, com outra mentalidade, outros costumes, outro "background" cultural e social, estão, -como nós, ao Serviço da Igreja pela presença no pensamento. E também com eles se dá o encontro. As diferenças de história nacional não transformam as necessidades das sociedades que procuram a paz e por isso em qualquer latitude, os universitários terão de ter uma resposta para essas necessidades. Porque o reino de Deus não se confina a um local privilegiado mas há-de estender-se a todas as terras e a

todas as gentes. Cristo morreu por cada homem. Nenhum, nem o mais pobre de dons naturais, ficou de fora. Todos foram assumidos, transfigurados, divinizados, na Pessoa do Verbo Incarnado. Por isso os universitários católicos de todos os países necessariamente se encontram, se reconhecem e se amam.

Encontro, reconhecimento, amor de estudantes de ^{diferentes} países - aí começa a dimensão supra-nacional da PU.

Essa triplíce atitude exige, a consciencialização duma comunidade de ideal na vida de todos os dias. No trabalho intelectual de cada dia, na oração que se oferece a Deus Pai, os outros estudantes do mundo inteiro e que nós porventura não conhecemos, têm de estar presentes. Faltando-nos muitas vezes o contacto natural que torna espontâneo o reconhecimento é em Deus que esse encontro se realiza. Daí a tonalidade universal, profundamente católica, que há-de iluminar a vida pessoal de cada um. Não é só já o companheiro de estudo, ou o compatriota que estão presentes na preocupação apostólica seriamente vivida. Agora estão presentes também os estudantes de todo o mundo com os seus problemas, as suas dificuldades, as suas aspirações. É esta presença dos outros que vivem para lá das nossas fronteiras que dá à nossa vida apostólica o sentido cristão mais total.

Não se trata, porém, duma presença vaga e desconhecida. Falei acima de reconhecimento e de amor. Não quer dizer que é preciso tornar pessoal essa presença, para conhecer e amar. Infinitas possibilidades se abrem ao conhecimento e ao amor. Mas podem sintetizar-se em dois aspectos fundamentais. O 1º. será um interesse atento e vigilante à personalidade dos outros - dos estudantes estrangeiros que porventura encontrámos nos caminhos da vida e dos grupos de estudantes católicos que se nos revelam através das suas reuniões, das suas publicações, do contacto pessoal com os seus membros. O 2º. será uma ajuda eficaz em todos os sectores da vida e do apostolado universitários - ajuda espiritual, intelectual, material. Esta ajuda nunca se restringe a uma atitude unilateral - a palavra convida ao diálogo; a dívida convida à troca. De diálogo e da troca deriva o enriquecimento mútuo, o aprofundamento de valores só pressentidos, o fortalecimento de orientações ainda mal esboçadas. Mas de diálogo e da troca nasce também uma vida nova, diferente, que transcende as pessoas ou os grupos entre os quais se realiza. É essa vida que, traduzida em orientações e na orgânica que assegura a efectivação dessas orientações, se anima dum dinamismo próprio, se autonomiza e constitui o Movimento Internacional dos Estudantes Católicos.

É como livramento que a ideia de PU se nos revela na sua totalidade.

PU surja assim, assente sem dúvida no esforço individual, no trabalho local

e nacional, mas possuindo uma vida própria. Essa vida traduz-se na atitude perante os problemas que se põem à escala mundial e aos quais PR procura levar a solução cristã. Como Movimento, PR tem campos de acção próprios, que derivam, por um lado, do seu dever de corresponder aos problemas mais instantes do mundo e, por outro lado, do seu carácter representativo de todos os universitários-católicos. Tem de ser uma força no Mundo internacional e a expressão da vida da Igreja no Mundo da cultura e dos problemas universitários. Desnecessário será insistir que tal força só é real na medida em que for consciência de sentir comum de todos os estudantes católicos que pela sua filiação nas Federações nacionais, são os membros da PR. De outro modo os dirigentes internacionais da PR representarão tristemente um exército de fantasmas...

Como Movimento, PR, na sua estrutura interna, é mais do que um conjunto de Federações ou de que uma confederação simples. Na verdade, integrada embora pelas Federações Nacionais, PR ultrapassa-as na medida em que dá livre expressão à vida própria que a caracteriza. Não pode PR ser unicamente uma corrente de informações circulando entre diferentes grupos nacionais. É um espírito comum que anima as Federações dum dinamismo próprio. Cabe-lhe, por isso, descobrir, através dos órgãos internacionais, as linhas de força do apostolado universitário tal como se podem definir a partir dos problemas candentes do mundo de hoje e das necessidades e directivas da Igreja. Cabe-lhe, mais, descobrir a expressão adequada desse apostolado no campo internacional e no plano regional e ajudar as Federações a incarnarem essas orientações nas condições particulares dos seus grupos locais e à escala das suas preocupações nacionais.

É claro que a existência dum Movimento, com uma vida própria, supõe um dinamismo corrente, uma atenção vigilante, um amor desinteressado, desde o estudante na sua Faculdade ao presidente internacional. Aí e encontro assume um carácter institucional, na procura do bem comum do Movimento a que todos pertencemos. Sem dúvida que os dirigentes internacionais têm por missão específica "assegurar a fidelidade do Movimento ao ideal reconhecido", através duma acção organizada, inteligente e oportuna. A eles cabe a explicitação dos problemas que se põem no plano internacional e a orientação para o apostolado nas suas múltiplas formas.

Mas os dirigentes internacionais só conseguirão animar o Movimento dessa vida própria quando trabalharem em íntima união com os dirigentes nacio-

nais. E aí nessa condição indispensável de eficiência do trabalho, o encontro retome o seu carácter eminentemente pessoal. Não é só como colaboradores que os dirigentes nacionais e internacionais se encontram. É fundamentalmente como irmãos que procuram fazer viver a PI da vida da Igreja.

E, para além dos dirigentes, todos os membros da PI são elementos decisivos para o trabalho internacional. Sendo cada estudante um elemento indispensável do conjunto, a sua presença é o elo insubstituível numa cadeia que envolve toda a terra, penetra em todos os sectores da vida humana, e está presente em todas as tentativas, para a cristianização da Universidade e da Vida cultural e social.



Fundação Cuidar o Futuro